

# RESENHA<sup>1</sup>

## Simone Weil e São Francisco - Infelicidade e Cristo Pobre

Frei Maurício Solfa<sup>2</sup>

### Referência da obra resenhada

WEIL, SimonE. **L'attesa di Dio**. Milano: Adelphi, 2008.

Há pouco tempo tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre a filósofa e mística Simone Weil, através de suas obras. Li duas vezes o seu livro, “Espera de Deus”, um dos principais dos vários que ela escreveu. Mesmo tendo lido duas vezes, poucas coisas eu compreendi. A primeira leitura foi muito rápida, tal era o meu encanto pelos seus escritos e pela forma como expõe os seus pensamentos. Embora não os compreendesse totalmente, eu sentia e intuía sua profundidade. Uma frase de Simone estará comigo durante toda a vida: “Não me cabe pensar em mim, Deus pensa em mim, me cabe pensar em Deus”.

Na segunda leitura que fiz do livro “Espera de Deus”, me encantei ainda mais e me debati, também ainda mais sobre o que ela escreve em relação à infelicidade. Tive a sensação de que compreendi ainda menos que a primeira vez que li. Creio que existam algumas coisas que só podem ser compreendidas pela própria experiência, pela vivência; e ela discorre sobre uma vivência.

Simone foi uma judia criada num ambiente totalmente agnóstico, mas passou por um processo de conversão. São Francisco foi uma pessoa que esteve presente neste seu processo de conversão, de encontro com o Cristo. Ela deixa transparecer que entendeu São Francisco.

Simone é muito importante e necessária para a história do Cristianismo e do Franciscanismo. Ela trouxe de volta a transcendência para a Filosofia. Conhecer Simone é conhecer a essência do pensamento, da mística e da vivência franciscana. Usando termos diferentes, Simone e Francisco falam das mesmas coisas. Descrevem experiências paralelas com termos diferentes. Isso, talvez possa ter

---

1 Recebida em 20/10/2018. Aceita para publicação em 30/12/2018.

2 Frei pertencente à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ordenado em 2009, atuante na Província São Lourenço de Brindes. E-mail: frmsolfa@yahoo.com.br

acontecido porque os dois conseguiram quebrar o véu entre a imaginação e a realidade, o acidental e o essencial.

Fazendo referência a São Francisco, ele abraçou o Cristo pobre no leproso. Pediu para Santa Clara seguir o Cristo pobre, abraçar o Cristo pobre, sentindo-se uma dama pobre. São Francisco teve misericórdia para com os leprosos. Mas, na prática, o que ele fez para os leprosos? Eles deixaram de existir? Deixaram de ter lepra?

Francisco deu dignidade aos leprosos, pois eles eram invisíveis, inexistentes, eram os infelizes de Simone. Francisco tornou-se um entre os leprosos. Tornou-se leproso, como Cristo se tornou pecador, assumindo sobre si os pecados da humanidade. Com Francisco os leprosos começaram a existir novamente. Ele os ressuscita para a vida, para a existência.

Creio eu que é mais ou menos isto que Simone quer dizer com o termo infelicidade. Segundo ela, a infelicidade não significa simplesmente ausência de alegria ou um sofrimento físico ou moral. Mas, com tudo isto, também uma ausência total de sentido e significado, valor, importância. Os leprosos eram desprovidos de valor, de importância. Suas vidas careciam de sentido. O olhar de Francisco para com os leprosos os traz à vida, à medida que dá sentido à sua existência. Simone diz que ver, compreender a infelicidade é um ato de graça, um ato divino, sagrado, pois somente pela graça se torna possível o que humanamente é impossível: Ser infeliz com os infelizes.

O Cristo pobre de Francisco é o Cristo sem poder de mando, domínio, tanto no presépio, como na cruz, e também na Eucaristia. Cristo se faz infeliz para salvar os infelizes. Segundo Simone, Deus, no ato de criar, se faz pequeno, se despoja para dar existência a outros seres. É este Deus pobre, infeliz, despojado que São Francisco encontra contemplando a cruz.

Simone diz que é preciso amar a infelicidade. Francisco diz que é preciso amar o Cristo pobre. Na tradição Franciscana o crucifixo, ou a cruz esteve sempre presente. Basta ver as imagens dos santos franciscanos. Todos eles carregam consigo um crucifixo. O primeiro Santo Capuchinho, que era analfabeto dizia que seu livro tinha apenas seis letras, cinco vermelhas e uma branca. As cinco vermelhas eram as chagas de Jesus, a branca era Maria. Este Santo –São Félix de Cantalice- dizia que quem não soubesse ler este livro, as Chagas de Jesus, não conseguiria ler nenhum outro livro. São Boa Ventura diz coisas parecidas no seu

livro “O Itinerário da Mente para Deus”. Segundo ele, quem olha, contempla a cruz com fé, esperança, caridade, louvor e admiração, faz com Cristo a passagem. Creio que Simone diria: passe pela infelicidade e encontre a felicidade verdadeira, pois não há como provar antes de fazer tal passagem, porque deste lado não há nada parecido para se comparar.